

**REFLEXÕES SOBRE O FAZER PESQUISA EM EDUCAÇÃO: OUTROS
OLHARES, NOVAS CONTRIBUIÇÕES**

Márcia Amira Freitas do Amaral¹

RESUMO

A educação oferece-nos terreno fértil para permanente investigação, pois sempre haverá questionamentos e interrogações a serem respondidos, mesmo que provisoriamente, nesse campo. Mas, como são buscadas as respostas ao que pode constituir-se como objeto de estudo relativo ao campo educacional? O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a produção do conhecimento científico. No nosso caso, o fazer pesquisa na Educação. A pesquisa em educação apresenta alguns pontos para reflexão que giram em torno da forma de se fazer ciência e construir conhecimento na pós-modernidade, apoiando-se, principalmente, nas concepções de Santos (1989) e de Ginzburg (2003). O artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente apresenta algumas considerações em relação à Educação e em seguida, mostra o percurso evolutivo da pesquisa em educação, apresentando novas contribuições, novos olhares para o modo de se fazer pesquisa.

Palavras-chave: Educação, Pesquisa, Pós-Modernidade

ABSTRACT

The education offer-in the fertile land for permanent inquiry, therefore always will have questionings and interrogations to be answered, same that provisorily, in this field. But, as are searched the answers what it can consist as object of relative study to the educational field? The present article has as objective to reflect on the production of the scientific knowledge, making research in Education. It presents some points for reflection that turn around the form of if making science and constructing knowledge in after-modernity, supporting themselves, mainly, in the conceptions of Boaventura de Sousa Santos and Carlo Ginzburg. It is organized of the following form: initially it presents some points in relation to the Education and after that, shows to the evolution of the research in education, presenting new contributions, new looks for the way of if making research.

Keywords: Education, Research, Powder-Modernity

INTRODUÇÃO

Ao longo da minha trajetória como pesquisadora, questões relativas à pesquisa no campo educacional, suscitaram-me pontos para reflexão que giram em torno da forma de se fazer ciência e construir conhecimento.

¹ Professora do IFRJ - Campus Volta Redonda/RJ. Doutora em Educação.

Considero relevante e oportuno realizar algumas considerações relativas à educação, pois, se estiver claro como a concebemos será mais “fácil” dar sentido e percebê-la como vasto campo de conhecimento.

A educação é um fenômeno social que abrange os processos formativos dos homens de acordo com determinado paradigma. No sentido amplo de conceber educação, Brandão (1985) afirma que ninguém está livre da educação, pois, de um ou de vários modos, todos estamos envolvidos em nossas vidas com ela, tanto para aprender quanto para ensinar, saber, fazer, ser e conviver. Ressalta que não há modelo de educação e nem lugar determinado para que ela ocorra. Portanto, as mudanças na sociedade atual contribuíram para consolidar o entendimento da educação como fenômeno de múltiplas faces, ocorrendo em diversos lugares e contextos, de forma institucionalizada ou não, das mais diversas modalidades.

Buscando a contribuição de Freire (1975), entendo a educação como um ato político que tem caráter permanente, que existe em graus diferentes, mas que não são absolutos, pois o homem, por ser inacabado não sabe de maneira absoluta. Paulo Freire parte da reflexão sobre o homem para refletir sobre a educação. Nesse sentido, o homem torna-se sujeito da educação. Para Freire, a educação tem como objetivo, provocar e criar condições para que se desenvolva uma atitude reflexiva, comprometida com a ação, levando-se em consideração o contexto sócio-cultural em que está se processando, além de ter cunho emancipatório. O autor afirma:

Todavia na verdade, a neutralidade da educação é impossível, como impossível é, por exemplo, a neutralidade na ciência. Isso quer dizer que não importa se como educadores somos ou não conscientes, nossa atividade desenvolve-se ou para a libertação dos homens – sua humanização - ou para a sua domesticação – o domínio sobre eles. Precisamente por causa disso penso que é muito importante esclarecer as diferentes formas de ação no campo educacional, a fim de tornar possível a nossa verdadeira opção ou escolha. Se a minha escolha é a da libertação, da humanização, é-me absolutamente necessário ser esclarecido de seus métodos, técnicas e processos que tenho de usar quando estou diante dos educandos. Geralmente, pensamos que estamos a trabalhar para os homens, isto é, com os homens, para sua libertação, para sua humanização, contudo, estamos a utilizar os mesmos métodos com os quais impedimos os homens de se tornarem livres. Isto passa-se deste modo precisamente porque estamos impregnados de mitos que nos tornam incapazes de desenvolver um tipo de ação a favor da liberdade, da liberação. Assim, não apenas é necessário saber que é impossível haver

neutralidade da educação, mas é absolutamente necessário definir ambas estas ações diferentes, antagônicas. Por isso, preciso de analisar, de conhecer, de distinguir esses diferentes caminhos no campo da educação. (FREIRE, 1975, p.24)

Assim, através da educação, que não é neutra, o homem adquirirá condições de participar ativamente da história, da sociedade, pois terá condições de tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade de transformá-la. A educação se constitui, segundo Paulo Freire (1979, p. 39-40), como fator de suma importância na passagem das formas mais ingênuas de consciência para a consciência crítica e esta é um produto inacabado, estando num vir-a-ser contínuo.

Outro caráter fundamental da educação, enfatizado por Freire, diz respeito à esperança utópica. Essa esperança é o sonho possível da educação como prática para a libertação autêntica, que é humanização em processo.

Isso implica sério compromisso tanto para o educador quanto para o educando, pois representa a própria práxis, ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

Assim como Freire, entendo que o sentido da educação é justamente o de libertar, emancipar o homem, possibilitando-lhe buscar respostas, descortinar a realidade, construir conhecimentos, provisórios, pois não há verdades absolutas, enfim, permitindo-o criar suas próprias possibilidades como ser. Acredito, ainda, que todo esse processo se efetiva na relação do homem consigo mesmo e na relação com o grupo social no qual está inserido. Nas relações sociais, muitas vezes antagônicas, é que percebemos o caráter emancipatório da educação, visto que através dela o homem se humaniza, transformando essas relações.

Entendo Educação como processo contínuo de ação – reflexão – ação que auxiliará o homem, ser em contínuo processo de evolução, na interação com outros homens, a desenvolver-se nos aspectos bio-psico-social-espiritual, construindo conhecimentos e servindo-se deles para percorrer sua trajetória evolutiva.

Assim, a educação oferece-nos terreno fértil para permanente investigação, pois sempre haverá questionamentos e interrogações a serem respondidos, mesmo que provisoriamente,

nesse campo. Mas, como são buscadas respostas ao que pode constituir-se como objeto de estudo relativo ao campo educacional?

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a produção do conhecimento científico, o fazer pesquisa em Educação e está organizado da seguinte forma: inicialmente, nessa introdução, realizo algumas considerações em relação à Educação baseadas nos pressupostos do educador Paulo Freire. Em seguida, no corpo do trabalho, traço, brevemente, o percurso evolutivo da pesquisa em educação, ressaltando os rumos que a pesquisa, nesse campo, vem tomando desde a década de 1970 e apresento novas contribuições, novos olhares para o modo de se fazer pesquisa na pós-modernidade, apoiando-me principalmente nas concepções de Santos (1989) e de Ginzburg (2003). Para finalizar, apresento algumas considerações finais em relação a essas novas possibilidades de se enxergar a intervenção no campo de pesquisa.

PESQUISA EM EDUCAÇÃO: OUTROS OLHARES, NOVAS CONTRIBUIÇÕES

Uma questão que se coloca diante de nós, antes mesmo de abordarmos a trajetória da pesquisa em educação é: o que entendemos por pesquisa?

Buscando em literatura especializada encontramos informações elucidativas a esse respeito, vimos que pesquisa é a “atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade” (MINAYO, 1994).

Ampliando o sentido do termo, segundo Ludke & André (1986:1-2), a pesquisa configura-se como um momento privilegiado que reúne o pensamento e a ação de uma pessoa ou de um grupo com o intuito de elaborar o conhecimento de faces da realidade que servirão para a formação de soluções propostas às suas questões problematizadas. As autoras afirmam que:

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral, isso se faz a partir de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual se compromete a construir naquele momento.” (LUDKE & ANDRÉ, 1986, p.1-2)

As autoras afirmam, ainda, que todo conhecimento produzido a partir da atividade investigativa dos homens, ou seja, a pesquisa tem um caráter social e histórico, pois refletirá os princípios e os valores considerados importantes em determinado contexto social e momento histórico, ressaltando, em função disso, a provisoriade do conhecimento e a desmitificação da existência de verdades absolutas.

Podemos inferir, então, que pesquisa constitui-se em uma investigação, uma busca, um estudo sistemático com a finalidade de desvelar aspectos da realidade e produzir novos conhecimentos. Esses conhecimentos são originados da atitude de inquietação e curiosidade dos homens. Conhecimentos gerados a partir do que já foi elaborado anteriormente por estudiosos que foram influenciados pela sociedade em que estão inseridos, e pela época em que vivem, tendo, por isso caráter provisório.

Através da pesquisa, elaboramos conhecimento, construímos realidades, enfim, construímos ciência. Como devemos entender o fazer ciência em educação? Como se processa a construção do conhecimento científico, ou seja, o fazer pesquisa no campo educacional?

Ludke & André (1986) realizaram um estudo sobre a evolução da pesquisa na educação. Mostram que o estudo dos fenômenos educacionais está situado entre as ciências humanas e as sociais, por isso, não poderia deixar de sofrer as influências das mudanças por elas sofridas, essas pesquisas tomaram como modelo os referenciais que serviram as ciências físicas e naturais na busca da construção do conhecimento científico.

Assim, o fenômeno educacional, sofreu diretamente os reflexos da influência das ciências físicas e naturais, sendo estudado como se pudesse ser isolado.

Durante muito tempo, se acreditou na possibilidade de estudá-lo utilizando uma abordagem analítica, quantitativa, correndo o risco de reduzir a complexidade desse fenômeno a um esquema simplificador de análise. Não que a utilização desse tipo de abordagem seja útil e necessário em algumas circunstâncias, dentro de um limite natural. Outra característica dessa abordagem que predominava entre as pesquisas educacionais, refere-se ao distanciamento do pesquisador do objeto pesquisado para garantir maior objetividade dos fatos e dados para que o conhecimento se fizesse de maneira transparente aos olhos do pesquisador. Aliada ao caráter transparente dos fatos apresentava-se, também, o caráter de permanência que torna o

conhecimento definitivo e isolado no tempo e no espaço em que é produzido. Outra característica refere-se à linearidade entre variáveis que, sendo observadas isoladamente, reduzem a percepção do pesquisador.

Com a evolução dos estudos em educação, foi-se percebendo que são poucas as situações em que se pode submeter o fenômeno estudado ao tipo de abordagem quantitativa, pois em educação é muito difícil isolar as variáveis envolvidas e apontar os responsáveis por determinado efeito, posto que os acontecimentos, nesse campo, são enredados.

Outro ponto que denotou a evolução dos estudos em educação, é o que diz respeito à postura do pesquisador diante do objeto estudado: percebeu-se que o conhecimento se processa, se constrói, a partir da interrogação que ele faz dos dados, baseado em tudo o que ele conhece sobre o assunto, carregando todos os seus princípios e pressuposições, pois os fatos e os dados não se revelam gratuitamente diante do pesquisador. Esse ponto deflagra a não neutralidade científica, pois seu trabalho traz consigo suas peculiaridades e principalmente suas concepções políticas e ideológicas.

Com o avançar dos estudos da educação, tornou-se muito evidente o seu caráter de fluidez e dinâmica, em contraposição ao caráter de permanência da abordagem quantitativa. Cada vez mais, temos como desafio na pesquisa educacional tentar captar essa realidade dinâmica e complexa, contextualizada social e historicamente.

As autoras apresentaram, sucintamente, a visão geral da maneira predominante de fazer pesquisa em educação nas últimas cinco décadas², afirmando que as bases desse modo de realizar as pesquisas educacionais foram calcadas no paradigma positivista e que a partir da década de 70, aproximadamente, começaram a surgir entre os pesquisadores sinais de insatisfação em relação aos métodos empregados pela abordagem quantitativa, pois não estavam contribuindo de forma eficaz para descobrir soluções para os problemas educacionais, especialmente em nosso país.

² Contando a partir de quando realizaram o estudo (1986).

Começaram, desde então, a surgir métodos de investigação de abordagens diferentes daqueles empregados tradicionalmente, que privilegiavam aspectos qualitativos, na tentativa de superar algumas das limitações sentidas na pesquisa até então realizada em educação.

Atualmente, vivenciamos um período de transição em que os paradigmas até então estabelecidos pela ciência moderna são questionados e entram em profunda crise, emergindo um novo paradigma denominado, por Santos (1989) ciência pós-moderna.

O estudo dos fenômenos educacionais é marcado, como vimos, pela influência das ciências sociais. Nesse sentido, Santos traz grande contribuição para a trajetória evolutiva da pesquisa em educação.

Estudioso das ciências sociais, este autor nos mostra, através de suas obras, que existem maneiras diferentes destas já estabelecidas, de se pensar e de se fazer ciência, construir conhecimentos.

Tomo como referência sua obra “Introdução a uma ciência pós-moderna” (1989), na qual faz uma crítica sistemática às correntes dominantes, da reflexão epistemológica sobre a ciência moderna e apresenta os sinais de um novo paradigma que denomina de ciência pós-moderna.

Santos afirma que qualquer reflexão que se faça sobre ciência não pode escapar ao círculo hermenêutico (entendimento do todo pela compreensão da função das partes e entendimento das partes pela compreensão função do todo), assim utiliza a reflexão hermenêutica³ para compreender criticamente a ciência moderna e transformá-la, tornando-a próxima, familiar, compreensível. Nesse sentido, apresenta uma nova concepção de ciência, enquanto forma de conhecimento e prática social e não como dogma. A sua concepção de ciência pós-moderna inscreve-se no movimento de desdogmatização da ciência, que teve início no seu próprio apogeu de dogmatização e que não parou de se ampliar e aprofundar até os dias atuais.

De acordo com essa nova concepção, mostra diferentes caminhos para se construir conhecimento e ressalta que mais importante do que os meios são os fins para os quais esses

³ Para maior aprofundamento sobre a reflexão hermenêutica buscar a obra supra citada do autor

conhecimentos são produzidos: os conhecimentos produzidos pela ciência vão servir para emancipar os homens ou vão servir para regulá-los?

A ciência moderna sempre enfatizou profundamente a questão do método e sempre deixou bem claro para que e a quem servia. O conhecimento científico era produzido para a própria comunidade científica, no sentido de deter e de monopolizar a verdade, considerada absoluta. Assim, a ciência moderna desprezava o senso comum e mantinha a tensão, conhecimento/poder.

A partir destas reflexões iniciais sobre este novo paradigma, Santos responde como se faz ciência, e para que queremos ciência. Apresenta novas relações entre a ciência e o senso comum, em que um não invalida o outro e ambos se modificam, dando lugar a uma nova forma de conhecimento em que, sendo prático, não deixa de ser esclarecido e sendo esclarecido não deixa de estar democraticamente distribuído.

Aponta, também para a desconstrução do dogma das verdades absolutas, ressaltando a provisoriabilidade do conhecimento em função dos critérios internos de cada teoria, de cada contexto social e cada paradigma em que é construído, enfatizando que todo conhecimento produzido é contextualizado social e historicamente.

Desse modo, a questão do método tornou-se premente para os dois campos epistemológicos: os que romperam com o paradigma positivista, buscando métodos qualitativos e os que mantiveram o núcleo deste paradigma, utilizando métodos quantitativos, no entanto, o discurso metodológico, atualmente, busca posição intermediária, o pluralismo metodológico. Nesse sentido, o autor alerta para não confundir pluralismo com anarquismo ou ecletismo metodológico⁴.

Propõe um modelo de aplicação do conhecimento científico pós-moderno, a aplicação edificante, que entre outras, apresenta as seguintes características: a aplicação é comprometida socialmente e deve ter sempre lugar numa situação concreta; o cientista deve comprometer-se e lutar pelo equilíbrio do poder nos vários contextos de aplicação, tomando partido por aqueles menos favorecidos; a ampliação da comunicação e equilíbrio das competências

⁴ Para maior detalhamento ver obra supra citada, capítulo 4.

visam a criação de sujeitos socialmente competentes; amplia o limite crítico social para uma maior participação numa visão moral e política.

Apresentada a importante contribuição que Boaventura traz sobre a reflexão do sentido das práticas e as finalidades da pesquisa no paradigma pós-moderno. Apresento a seguir outra contribuição, que mostra formas diferenciadas de se fazer pesquisa na pós-modernidade e tem reflexos na pesquisa educacional. Ginzburg (2003) apresenta um novo paradigma para captação da realidade, o paradigma indiciário, baseado no método morelliano⁵ de reconhecimentos de pinturas.

O paradigma indiciário é aquele que indica formas de saber, para o passado, para o presente e para o futuro através de sinais, indícios imperceptíveis que permitem decifrar a realidade. Neste paradigma, se considera como reveladores do real os aspectos pouco observáveis ou negligenciados por todos. A proposta é basear-se em dados “marginais”, centrados em resíduos pouco notados, para interpretar a realidade.

O outro aspecto inovador deste paradigma é a superação, na pesquisa concreta, da antítese ideológica entre racionalismo e irracionalismo, pois mostra pelos seus estudos que na irracionalidade há racionalidade que nos possibilita chegar, através do que aparenta ser irracional, aonde a racionalidade não vai.

Oliveira (2003), ao realizar valioso estudo sobre os sentidos emancipatórios dos fazeres pedagógicos em uma escola no Rio de Janeiro, mostra, no cotidiano escolar, através das ações concretas de professoras em sala de aula, como esses fazeres indicam pistas não observáveis aos olhares generalizadores. Mostra, ainda, a existência das formas invisíveis que as práticas curriculares cotidianas assumem em determinados contextos. Apresenta, também, em sua obra, os elementos de orientação metodológica para a pesquisa no/do cotidiano escolar, ressaltando a importância da idéia de captação e do uso dos indícios, para a pesquisa educacional:

O problema que se coloca para a compreensão de uma realidade, que é, como já vimos múltipla, enredada, imprevisível, singular

⁵ Para maior aprofundamento sobre Morelli e seu método veja-se: GINZBURG, C. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. SP: Companhia das Letras, 1989.

etc. relaciona-se, entre outras coisas, com o fato de termos hábitos e modos de fazer pesquisa e de “fazer leitura” dos dados que não consideram essas características da realidade. É aqui que a idéia de captação e de uso dos indícios ganha importância, na medida de se compreender tantos e tão enredados elementos, aos quais não temos acesso direto devido às suas características, através da percepção e do uso dos indícios fornecidos pelas práticas reais. (OLIVEIRA, 2003, p. 84)

A autora deixa claro que o paradigma indiciário de Ginzburg foi fundamental para o desenvolvimento metodológico da pesquisa que realizou, pois permite “irmos aonde a racionalidade não vai”. É fundamental para compreendermos os saberes: idéias e subjetividades. Dois fatores que se impregnam nas práticas cotidianas desenvolvidas pelos sujeitos sociais e vão para além daquilo que esses mesmos sujeitos têm sob controle racional” (OLIVEIRA, 2003).

O paradigma trazido por Ginzburg nos remete, portanto, à exigência de se trabalhar sobre os indícios que o real apresenta. Considerando a impossibilidade de captá-lo na sua totalidade. Nesse sentido, ao realizarmos pesquisas que buscam captar a realidade num determinado contexto, como no cotidiano escolar, por exemplo, devemos observar os sinais, os vestígios, os pequenos detalhes que vão nos auxiliar a enxergar a realidade, ou aspectos dela, de forma mais profunda para que possamos através deles alcançarmos o entendimento, a compreensão de alguns significados daquilo que não conseguimos obter de outra maneira, através dos métodos de pesquisa tradicionais.

Novos olhares são lançados para a maneira de se fazer pesquisa, na pós-modernidade, trazendo-nos importantes contribuições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal questão que se colocou diante de mim foi referente ao que caracteriza a pesquisa acadêmica. E o que se configurou com maior clareza sobre o que é fazer pesquisa, fazer ciência, ou seja, construir conhecimento na pós-modernidade. Desse modo, devemos ultrapassar as constatações óbvias, evidentes, aprofundando as questões que surgem a partir das implicações, compreendendo os porquês.

Apresento formas diferenciadas e inovadoras de se pensar e fazer pesquisa que nos possibilitam ampliar nossa visão em relação a como intervir no campo pesquisado. O paradigma indiciário de Ginzburg marcou-me profundamente por apresentar uma maneira não convencional de perceber a realidade. Nesse sentido, devemos observar o cotidiano escolar com “olhos de quem quer ver”, ressaltando a importância do como se vê, tendo o olhar mais aguçado, prestando atenção, mesmo ao que possa parecer insignificante, sem negligenciar nenhum indício, pois um gesto, uma fala, às vezes solta, um olhar, podem ser sinais fundamentais para o estudo que se realiza.

Devemos nos empenhar para que os nossos estudos transcendam em sentido social e político, constituindo-se, no dizer de Boaventura (1989), uma alternativa emancipatória dos sujeitos, contribui para transformar a realidade, sendo reconhecida tanto por quem produz conhecimento como por quem é beneficiado por ele.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

_____. **Uma educação para a liberdade**. Porto: Textos Marginais, 1975.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LUDKE, Menga & ANDRÉ Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Porto: Afrontamento, 1989.